

A UE e as outras Europas¹

The EU and Other Europes

Teresa de Sousa
Jornalista do *Público*

Bem-vindo, Presidente Zelensky

Para a generalidade dos europeus, a União Europeia é vista de forma positiva. Nos países mais ricos ou nos mais pobres. A Norte e a Sul, a Leste como a Ocidente. Continua a ser esta a sua grande força. Estas eleições europeias não são, no entanto, iguais a todas as outras. A Europa atravessa uma crise existencial profunda, porventura a mais séria desde a sua fundação. A razão, todos nós a conhecemos: uma guerra de grandes dimensões no continente europeu, pela primeira vez desde a II Guerra. Poder-se-á argumentar que houve uma guerra trágica nos Balcãs na última década do século XX com a desagregação da Jugoslávia. Mas essa guerra foi uma “guerra civil” que nunca ameaçou a segurança europeia. Assistimos posteriormente a sucessivas agressões militares da Rússia de Putin a alguns Estados independentes que emergiram da implosão da União Soviética. Na Geórgia, em 2008, ou na própria Ucrânia, com a anexação da Crimeia e a intervenção no Donbass, em 2014. Foi, precisamente, porque Paris e Berlim não quiseram ver a verdadeira natureza do regime russo que hoje estamos confrontados com a guerra na Ucrânia. Já toda a gente reconheceu isso mesmo, incluindo as duas capitais. Foi um erro que convém não repetir.

Esta guerra é diferente. É a invasão de um país soberano com o propósito de dominá-lo e de lhe impor um regime pró-russo. Envolve centenas de milhares de soldados russos. Implica a transformação da Rússia numa economia de guerra, preparada para combater na Ucrânia ou para além da Ucrânia. Na Europa, já ninguém tem dúvidas sobre a natureza e as intenções do novo imperialismo russo e da ameaça que representa para a segurança europeia.

¹ As reflexões apresentadas neste artigo foram feitas durante o 1.º semestre de 2024.

São estas as condições em que vamos votar para o Parlamento Europeu. Absolutamente excepcionais. Com um impacto enorme na forma como a União olha para si própria, para o mundo que a rodeia. A União Europeia deixou de poder ser um “projeto de paz e de prosperidade” rodeado por um mundo em turbulência, cada vez mais perigoso. Está obrigada a alterar as suas prioridades. A defesa e o rearmamento subiram para o primeiro lugar na sua agenda política.

É uma transformação tão radical, caro leitor, cara leitora, que não tem um caminho fácil. Como fazer convergir os interesses de 27 países com histórias e experiências diferentes para uma estratégia de sobrevivência e de afirmação internacional comum? É um enorme desafio.

As visitas de Zelensky

No dia 28 de maio de 2024, o Presidente Zelensky viaja de Bruxelas para Lisboa. Concretiza-se finalmente uma visita que as autoridades portuguesas, e creio que a grande maioria de nós, desejava. É um sinal de que os portugueses continuam ao lado dos ucranianos na sua luta heroica pela liberdade e pela soberania. Zelensky esteve em Madrid no dia anterior. Nas duas primeiras capitais europeias recebeu uma receção calorosa e, mais importante ainda, a promessa do aumento do apoio militar – 1200 milhões em Espanha, quase mil milhões em Bruxelas.

Os arsenais esgotam-se

O que quero dizer é que, dois anos depois, uma das principais apostas de Vladimir Putin – a fadiga ocidental da guerra – não aconteceu. Há, infelizmente, o outro lado da moeda. A Europa não estava preparada para uma guerra nas suas fronteiras nem, muito menos, para apoiar militarmente a Ucrânia. Os arsenais esgotam-se. As hesitações persistem. A produção industrial de armamento não acompanha as necessidades da guerra. A Ucrânia está a viver um dos piores momentos do seu combate. O cenário de uma derrota voltou a estar sobre a mesa. Seria uma catástrofe para os ucranianos e significaria uma ameaça direta a países que são membros da NATO e da União Europeia.

O que vimos em Madrid e em Bruxelas foi, de algum modo, a consciência aguda deste risco e um esforço para aumentar o apoio militar. Deverá acontecer o mesmo em Lisboa. Mas parte desse apoio não é imediato, mesmo que tente colmatar as necessidades mais urgentes da Ucrânia para enfrentar uma possível ofensiva russa no verão – sistemas de defesa antiaérea, mísseis de longo alcance, munições, mais carros de combate, ou F-16 que tardam em chegar.

Mesmo assim, mantêm-se hesitações dificilmente compreensíveis entre os aliados da Ucrânia, que os ucranianos pagam sempre muito caro. Já devíamos ter aprendido alguma coisa com isso.

Agora, a questão é saber se as tropas ucranianas podem atingir alvos militares no território russo com armas fornecidas pelo Ocidente. Vários países já disseram que sim. O secretário-geral da NATO, Jens Stoltenberg, já disse publicamente e sem meias-palavras que não o permitir é um absurdo: é condenar a Ucrânia a combater com um braço amarrado atrás das costas. Basta lembrar que a distância entre Kharkiv e a fronteira russa é de meia dúzia de quilómetros, o que quer dizer que a Rússia pode bombardear à vontade a cidade – como fez nas últimas três semanas de maio com consequências trágicas – a partir do seu território sem que os ucranianos possam ripostar. O debate sobre a mesma questão ainda divide a Administração Biden. Antony Blinken é a favor, mas outros hesitam. A Alemanha já disse que não permite. Olaf Scholz tem sido exímio em hesitações. Os países do Leste e do Centro da União e os nórdicos não têm dúvidas. Estão na linha da frente da ameaça russa. A Espanha ainda não clarificou a sua posição. O Governo belga disse agora igualmente a Zelensky que não autoriza. Vamos ver qual é a decisão do Governo português.

O medo é mau conselheiro

O que os paralisa? Como quase sempre, o medo de uma escalada que leve ao confronto direto entre a NATO e a Rússia. Putin sabe alimentar este medo com sucessivas provocações. Só nos últimos tempos, ordenou a realização de exercícios militares com armas nucleares táticas junto da fronteira da Ucrânia. Não as vai utilizar porque os EUA já disseram qual seria a resposta: uma ofensiva convencional avassaladora. O Ministério da Defesa russo colocou no seu *site* um mapa com a alteração unilateral das fronteiras marítimas no Mar Báltico, ameaçando diretamente a Polónia, a Finlândia e a Estónia. O mapa desapareceu. A provocação estava feita. A Suécia acaba de reforçar a defesa da ilha de Gotland, que ocupa uma posição estratégica para a segurança do Báltico.

Um novo quadro político

A União Europeia aproxima-se de um momento decisivo para o seu futuro. As eleições europeias vão dar-nos um quadro das condições políticas em que algumas decisões cruciais podem vir a ser tomadas. Daí a sua importância.

Que decisões são essas? Precisamente aquelas que costumam ser mais difíceis de tomar. Enunciar objetivos é fácil. Definir os meios necessários costuma ser muito mais difícil. Entre 26 e 28 de maio de 2024, Emmanuel Macron realizou uma visita de Estado à Alemanha, a convite do Presidente alemão Frank-Walter Steinmeier. A última foi há 24 anos. O que não quer dizer que os Presidentes franceses e os chanceleres alemães não se visitem constantemente. Não há dois países na União

com relações políticas e institucionais tão fortes. A visita foi coreografada para transmitir uma mensagem: o eixo Paris-Berlim pretende continuar a ser o “motor” da integração europeia. Os momentos simbólicos não faltaram. Macron discursou num festival da juventude que decorria em Dresden, na metade Leste, a cidade que a aviação aliada reduziu a escombros no final da II Guerra, para obrigar o regime nazi à rendição. Foi muito bem acolhido. Falou da atração pelo autoritarismo que se sente por toda a Europa e do enorme perigo que representa para as democracias europeias. Em Berlim, na companhia de Steinmeier, visitou o Museu do Holocausto.

Por fim, reuniu-se com Olaf Scholz para tratar da agenda política. Em Dresden, o Presidente francês disse ao que vinha. A Europa não irá longe se não duplicar o seu orçamento ou se recusar as formas mais expeditas de financiar o seu rearmamento, incluindo a emissão de dívida conjunta. Só muito dificilmente o chanceler alemão estará de acordo.

Os dois líderes assinaram um artigo de opinião que li no *Financial Times* sobre a urgência de robustecer a competitividade da economia europeia, que perde terreno para as economias americana e chinesa. O texto reconhece que a Europa “é mortal”, como alertou Macron no seu segundo discurso na Sorbonne, no dia 25 de abril passado. O texto defende o alargamento do Mercado Único a novas áreas para potenciar o crescimento económico. Põe a tónica na inovação científica e tecnológica, crucial para a competitividade, mas onde a Europa está a perder terreno não só para os EUA, mas para a China. Enuncia as duas prioridades europeias mais relevantes: a transição ecológica e a transição digital. O diagnóstico está certo. Faltam os instrumentos. Falta, em primeiro lugar, o financiamento.

Macron vê uma estratégia muito próxima da de Biden: investimentos públicos gigantescos em setores fundamentais. Scholz resiste a quaisquer decisões que impliquem mais transferências para o Orçamento comunitário ou mais endividamento europeu.

Para se defender – sobretudo, para se defender sem contar com a proteção americana –, a União precisa de gerar mais riqueza e de encontrar outra forma de o fazer. Tem de definir um novo consenso estratégico sobre o seu funcionamento e sobre o seu papel no mundo. Corre contra o tempo. Os anos mais difíceis serão os de transição entre o modelo que tem vindo a construir desde a sua fundação e aquele de que precisa para enfrentar uma outra era.

Macron tem razão

O Presidente francês provocou uma enorme polémica quando decidiu fazer uma pergunta simples: os aliados admitem a hipótese de enviar tropas para a Ucrânia? A sua pergunta poderia colocar-se de outra maneira: até onde estão os líderes europeus dispostos a ir para impedir que Vladimir Putin vença a guerra na Ucrânia?

Posta assim, a pergunta ganha todo o sentido. É verdade que, até agora, os membros da NATO e da União Europeia que apoiam a Ucrânia sempre disseram que não entrariam diretamente no conflito. Como é verdade que o seu apoio militar teve sempre como preocupação impedir uma “escalada” na guerra. Cada novo sistema de armas a enviar para Kiev foi precedido por longos debates – os tanques, os aviões, os mísseis de longo alcance. Ao longo de dois anos, a Ucrânia pôde resistir, sem poder atacar alvos russos fora do território ucraniano.

O que há de novo? Uma situação de impasse no campo de batalha e um tremendo desequilíbrio, não apenas de tropas, mas também de meios de combate. A Rússia teve tempo para se rearmar, corrigir a sua fracassada estratégia militar inicial, abastecer os seus arsenais com armamento vindo do Irão e da Coreia do Norte. Putin passou a controlar a narrativa da guerra. Atirou contra os ucranianos, civis e militares, tudo o que tinha. Numa altura em que o Congresso norte-americano, através da minoria fiel ao culto de Donald Trump, bloqueia a ajuda militar e financeira à Ucrânia e em que a Europa se confronta com a sua incapacidade para fornecer munições e outro material fundamental para a sua defesa, quando os F-16 continuam a não chegar, quando Berlim continua a negar o envio de mísseis de longo alcance, seguindo a lógica de sempre: enquanto os EUA não decidirem enviar, nós não enviamos.

O clima que dominou a Conferência de Segurança de Munique refletiu a situação no terreno. Entre o pânico e a urgência, as elites políticas ocidentais revelaram uma óbvia falta de estratégia para enfrentar esta nova fase da guerra. As vitórias (pequenas) da Rússia no terreno, o assassinio de Alexei Navalny, a impotência europeia para produzir ou adquirir mais armamento, o pesadelo do regresso de Trump à Casa Branca e o medo de uma vitória de Putin criam um ambiente de relativo desânimo.

É neste quadro e nesta sequência de acontecimentos que devemos compreender as razões pelas quais Emmanuel Macron convocou para o Eliseu, no dia 26 de fevereiro de 2024, uma reunião com os líderes europeus e outros aliados da NATO. É face à realidade da guerra, neste momento, que a sua pergunta sobre o envio de tropas para a Ucrânia deve ser compreendida.

Numa entrevista ao *Monde*, o ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Stéphane Séjourné, justificou o debate lançado pelo Presidente: “Não queremos encontrar-nos de novo numa situação análoga à de setembro de 1938 [Acordos de Munique]. Para compreender a nossa lógica, é preciso ter consciência da situação. Vivemos provavelmente um momento de viragem. O risco de uma vitória russa teria um custo exorbitante.”

A reação da maioria dos aliados do lado ocidental foi a que se esperava. Nem pensar. Os países do Centro e do Leste, que estão na linha da frente, foram muito menos taxativos. Provavelmente, Macron pretendia que o debate ficasse só entre eles.

Esqueceu-se de que estariam presentes dois “amigos” de Vladimir Putin. Coube a um deles, o primeiro-ministro eslovaco Robert Fico, boicotar as suas intenções, ao anunciar, logo que chegou a Paris, que a questão do envio de tropas estaria em cima da mesa.

Choveram as críticas sobre o Presidente francês. Algumas bastante agressivas, como as que vieram de Berlim. O chanceler aproveitou a oportunidade para “se distanciar de Macron publicamente”, escreve o *site* da Eurointelligence. “Reiterou as suas linhas vermelhas de uma forma que não pode vir a redesenhá-las, mesmo que as circunstâncias mudem”. Provocou consternação em Londres e em Paris, quando disse que os mísseis de longo alcance, que já terão enviado, exigem a presença de tropas dos dois países para os operar.

Encontraram-se imensas explicações para esta fuga para a frente do Presidente francês. Algumas podem ser pertinentes. Macron a ser Macron, tentando recuperar a liderança no apoio à Ucrânia, que tem estado mais em Berlim. Veio à baila o historial de posições do Presidente francês, desde ter declarado a NATO em “morte cerebral”, em 2019, até ao início da invasão, quando dizia que não se devia “humilhar Putin”. Ou, talvez o argumento mais forte, que o apoio militar francês é irrisório se comparado com o dos seus maiores parceiros ou até com países muito mais pequenos, como os nórdicos. Na verdade, Macron já tinha dado sinais claros de que mudou a sua visão da guerra e do que ela significa para a Europa. Bastou ouvir o seu discurso de junho de 2023, em Bratislava, quando fez *mea culpa* sobre a sua política em relação à Rússia, antes da guerra. “Devíamos ter-vos ouvido”.

É verdade que há uma distância cada vez maior entre Paris e Berlim sobre uma vasta lista de questões europeias e que Macron é particularmente sensível ao papel de Scholz na condução do apoio à Ucrânia. Mas também é verdade que a União Europeia estava mais bem servida quando a sua liderança assentava num tripé assente em Londres, Paris e Berlim e que, com a saída dos britânicos, o bom funcionamento do eixo franco-alemão é sempre uma vantagem. Paris não ouve Berlim, mas Berlim também não ouve Paris.

Finalmente, o debate lançado por Macron sobre o envio de tropas não acontece no vazio. Desde janeiro que o cenário de uma guerra da Rússia contra um país da NATO, que acione o Artigo 5.º, faz parte do discurso de vários responsáveis políticos e militares europeus. O ministro da Defesa alemão, Boris Pistorius, já o referiu por diversas vezes. Os países que estão na fronteira da NATO com a Rússia vivem com esta ameaça. Trump ajuda a alimentar este cenário.

Voltando ao princípio, os europeus têm de saber como responder à pergunta de Macron: até onde estão dispostos a ir para impedir uma vitória de Putin? Dar à Ucrânia aquilo de que ela precisa para vencer a guerra? Incluindo os mísseis de longo alcance, mais tanques, mais munições (compradas no estrangeiro, se for preciso)?

Impedir que as sensações sejam sistematicamente torpedeadas, enquanto olham para o lado? Utilizar os juros dos ativos russos congelados nos bancos ocidentais? Janet Yellen já disse que sim. Von der Leyen também.

As coisas correram bem enquanto Joe Biden liderou a resposta ocidental, mesmo que tenha privilegiado um entendimento com Scholz, para evitar a tão temida escalada. Passaram a correr pior quando a situação interna nos EUA paralisa a Administração e Biden tem de lidar com a crise no Médio Oriente.

O que aconteceu depois da reunião de Paris é negativo. Põe em evidência desunião e a desorientação entre os aliados europeus sobre a melhor estratégia para derrotar a Rússia na Ucrânia, que é também a melhor estratégia para evitar um futuro confronto com a NATO. Putin sempre contou com as divisões ocidentais e europeias para levar a melhor na sua política revisionista, imperialista e agressiva. A intimidação é uma das suas armas preferidas. No seu discurso de duas horas no Kremlin, a quinze dias da farsa eleitoral que organizou para se manter mais seis anos no poder, respondeu a Macron brandindo o recurso às armas nucleares, capazes de extinguir a vida na Terra. Até agora, esta ameaça, reiterada desde o início da invasão, tinha competido a Dmitri Medvedev. Durante os anos da Guerra Fria, as armas nucleares serviram como um poderoso dissuasor – existem para não serem usadas.

Putin está preocupado com as eleições. Se não estivesse, não tinha desencadeado uma brutal vaga repressiva para silenciar todas as vozes dissonantes e assassinar a mais temível de todas. Teme, sobretudo, uma fraca afluência às urnas. E teme a coragem dos seus opositores. Milhares de pessoas desafiaram-no abertamente quando decidiram prestar a derradeira homenagem a Alexei Navalny, em Moscovo. Superando o medo. Sabendo o que arriscavam. Houve muitas prisões, mas não se podem prender milhares de pessoas, nem é prudente esmagá-las diante das televisões estrangeiras. São uma fonte de inspiração.

